

RESENHA BIBLIOGRÁFICA (*)

SILVA (Maria Beatriz Nizza da). (org.). *Teoria da História*. São Paulo, Cultrix, 1976. 165 p.

Desnecessário é insistir na pobreza de recursos didáticos no ensino da história em todos os níveis, mormente no superior. A completa inexistência de manuais e coletâneas de textos avulta-se, a nosso ver, como a maior das lacunas. Claro está que não se propugna aqui pela sua adoção como material central dos cursos. Por isso, a seleção de textos da Profa. Maria Beatriz Nizza da Silva, da Universidade de São Paulo, deve ser bem recebida e entendida como “apenas um ponto de partida, um núcleo central a partir do qual se estabelece um programa de leituras, e não um substitutivo das próprias obras” (p. 7).

Não se trata de obra pioneira entre nós, cabendo lembrar aqui a alentada *Teorias da História*, de Patrick Gardiner (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969. 679 p.). Esta, no entanto, tem a sua consulta minimizada devido a duas ordens de dificuldades: o alto custo, aliado ao fato de se tratar de obra importada, torna-a inacessível à grande maioria dos alunos dos cursos de História; e, em segundo lugar, a desatualização quanto aos “teóricos” da História surgidos na década de 60, particularmente na historiografia francesa, os quais compõem o quadro das principais discussões metodológicas da História em nossos dias. Aliás, cumpre notar que é bastante significativo o fato de que a presente coletânea seja lançada simultaneamente à tradução brasileira do excelente *Faire de l'Histoire* (1), o que, no mínimo, evidencia a certeza de que a ciência histórica no Brasil esteja, gradativamente, libertando-se das peias do amadorismo, face à demanda de um público carente de formulações teórico-metodológicas mais sólidas e expressivas.

A originalidade da antologia da Profa. Nizza da Silva está no critério de atualidade dos textos (e principalmente dos autores) selecionados. Na “Introdução” (p. 7/21), a autora oferece ao leitor a sua percepção da teoria da História. Levanta a problemática da opção pelos autores dos textos, justificando a escolha de cada um deles pelo que representam como percepção e tratamento da ciência histórica. Faz a apresentação dos textos, apontando suas con-

(*) — Solicitamos dos Srs. Autores e Editores a remessa de suas publicações para a competente resenha bibliográfica (*Nota da Redação*).

(1). — LE GOFF (Jacques) & NORA (Pierre) (ed.). *Faire de l'Histoire*. Paris, Gallimard, 1974. 3 v. tradução brasileira: *História: Novos Problemas, História: Novas Abordagens e História: Novos Objetos*. trad. de Theo Santiago et alii. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976. 3 v.

tribuições específicas para o conjunto da obra. Ademais, a autora não fez apenas a seleção. Traduziu ela própria os textos.

Na Parte I (A História no Sistema das Ciências), afasta-se da estéril discussão sobre a cientificidade da História e opta por colocar a problemática de pensar esta última no contexto das ciências nomotéticas e ideográficas (texto de Ernest Nagel) e destas com as ciências históricas do homem (texto de Jean Piaget). Em uma palavra, a problemática da epistemologia histórica.

A “Constituição do Objeto” é o tema da Parte II, na qual se inserem textos de autores cuja produção vem repensando o problema do objeto histórico na linha inaugurada por Bloch e Febvre. Neste ponto, uma quase identidade dos textos aqui encontrados com aqueles publicados no já mencionado *Faire de l'Histoire* (cf. artigos de Paul Veyne, François Furet e Pierre Chaunu).

A terceira e última parte (Questões Teóricas) apresenta cinco textos que variam de uma análise das “Teorias e Paradigmas” na perspectiva sociológica de Raymond Boudon aos “Condiçõais Contrafatuais”, propostos por Ernest Nagel, passando pela discussão dos conceitos na *New Economic History* ou história contrafactual.

CAIO CÉSAR BOSCHI.

* * *

BRIARD (Jacques). — *L'Age du Bronze en Europe barbare (des mégalithes aux Celtes)*. Coleção “Archéologie, Horizons Neufs”. Toulouse. Éditions des Hespérides. 376 pp., 226 ilustr. 208 x 165.

Os “Bárbaros” europeus, eram, para os Gregos, todos os não-Helenos, apenas respingados de pálidos reflexos das civilizações egéias, ao longo das “Rotas do ambar” rumo ao Báltico, das “Rotas do estanho” em direção às misteriosas Ilhas Cassitéridas.

Essa imagem, tradicional, acaba de se esboroar, devido ao choque das recentes datações do C14, que deixaram o mundo dos especialistas completamente estupefatos. Foi no Danúbio e 1.000 anos do Egeu, que a Europa descobriu o metal. Creta estava ainda no Neolítico, quando o ouro e a prata jorravam das *kourganes* do Cuban. Os mais velhos templos do Mediterrâneo — e do mundo — são os de Malta, 1.000 anos anteriores às Pirâmides. O famoso Stonehenge, templo do Sol e observatório astronômico, erigido sobre os trilítos sagrados muitos séculos antes de Micenas. As próprias idéias: ritos funerários novos — megalitismo, sepultura em *tholos*, incineração — ou grandes religiões — cultos solares, Deus masculino e Deus-Cervo substituem as antigas Deusas-Mães neolíticas — com sua gênese nas grandes planícies da Europa central ou nas praias atlânticas.

Majestosamente, a Idade do Bronze europeia, entre 2.000 e 700 a.C., no nosso velho continente toma forma. Desde a ereção dos primeiros *dolmens*